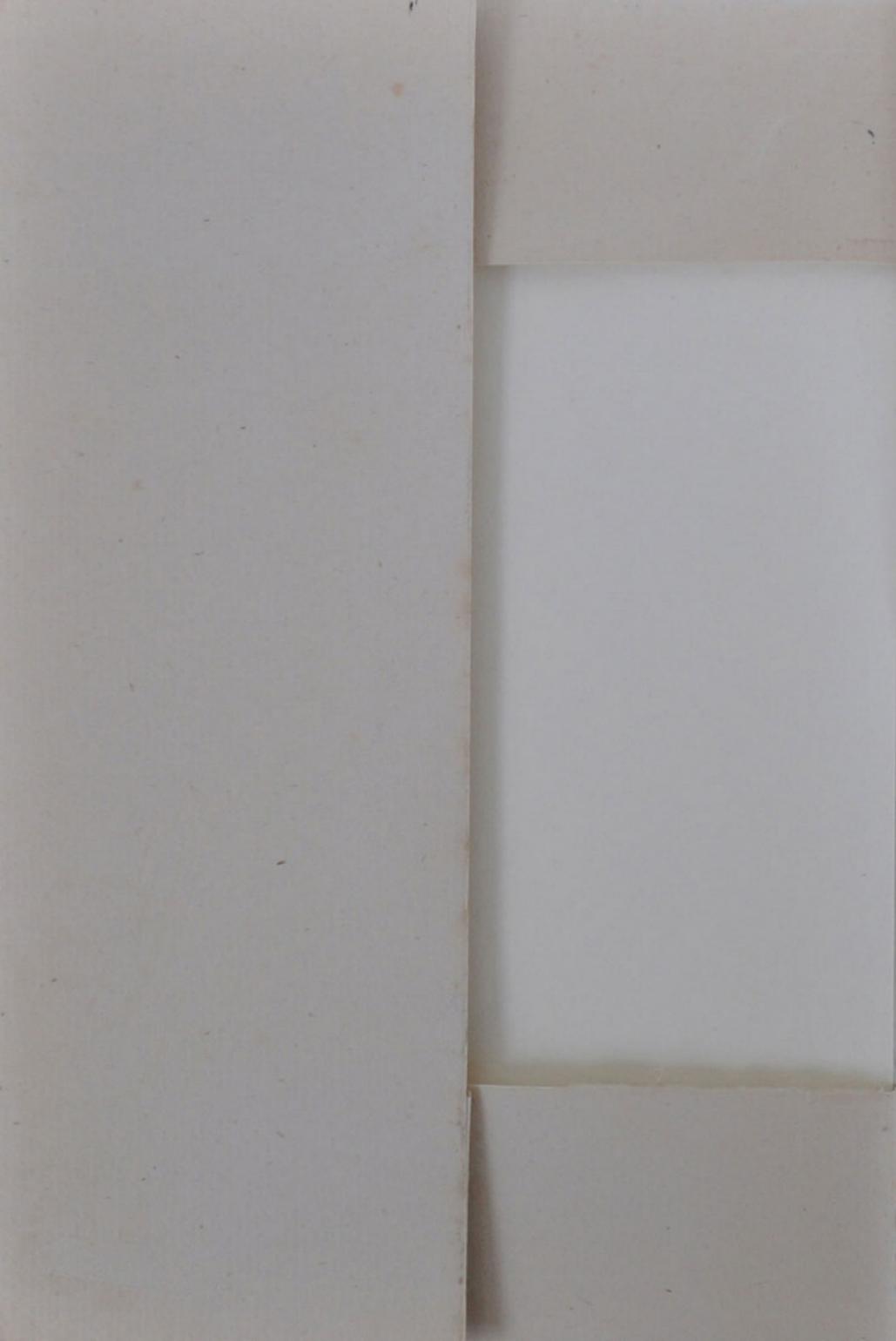


MAIS
POEMAS

DE

GUILHERME DE FARIA

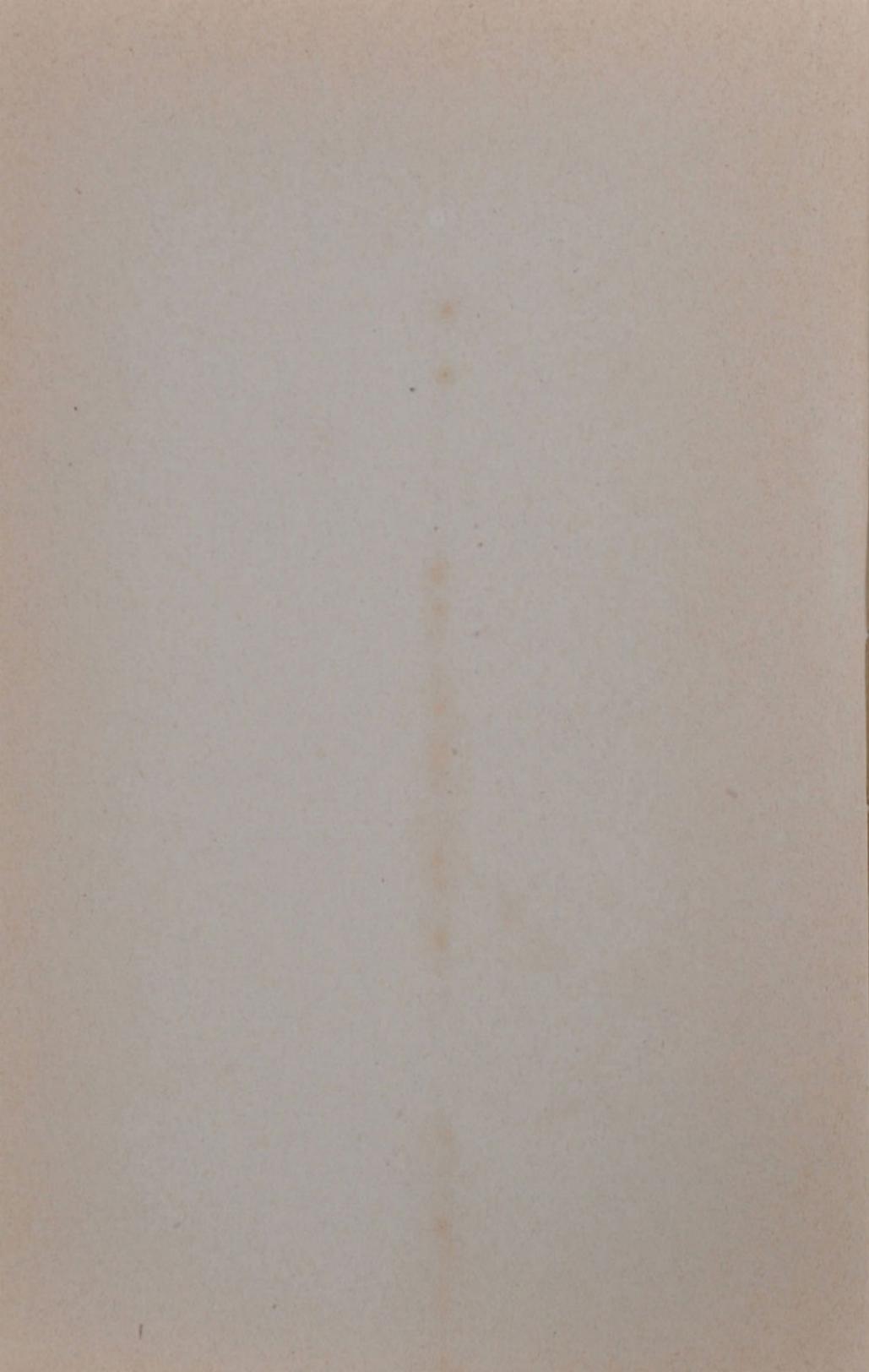
MCMXXII



AO SENHOR
FERRARDO
PESSOA,

NO PREZANTE
DE
GILBERTO DE FARIAS.

1923.
VI. DE
OUTUBRO.



MAIS
POEMAS

DO AUTHOR :

Poemas, MCMXXII.

mais Poemas, MCMXXII.

MAIS
POEMAS

DE

GUILHERME DE FARIA

MCMXXII

A

ALFREDO PIMENTA

INSCRIÇÃO

A minha mocidade tem cabellos brancos.

EUGENIO DE CASTRO.

POEMA DE SUPPLICA

À Virgem Santissima, cheia de Graça,
Mãe de Misericórdia.

O' Senhora Mãe de Deus,
Vem ouvir a minha voz
Que, n'esta vida de sombras,
E' uma sombra de voz!

Virgem Mãe! Virgem Senhora!
Dá-me a bençam do luar!
Que, na sombra d'esta vida,
Vivem sombras, a chorar!

E a Noite veiu, sem veios
Alventes de luar alvente. . .

E senti a minha vida
Dolorida, ennoitecida,
E magoada, eternamente!

Quando nasci, eu senti
E ouvi a voz do Mar,
Sempre a chorar, noite e dia,
Eternamente a chorar!

Voz de magoa e de elegia,
Aquella voz dolorida

E presaga, que se erguia
Daquelle Verde — tam verde! —
Que alaga, além, todo o Além,
Onde a minha Alma se perde,
N'uma ancía eterna de além...

Oh Mar! Oh Mar! meu irmão!
Foi a tua voz dolorosa
A voz magoada e primeira
Que veiu emballar, saudosa,
Na viuvez da minha infância,
Meu berço de magoas, triste!

Oh Mar! Oh Mar! a tua voz
A soluçar noite e dia...
(Maré cheia, maré cheia
De tristeza e de agonia!)
Sempre a chorar, como eu,
A soluçar noite e dia!

Senhora Mãe, inda é noite!
(No meu viver de imperfeito,
Jámais a luz dealbou!)
Trago a Dôr dentro do peito,
Crucificada e dorida,
Eternamente a chorar!

Senhora Mãe, quero a Vida!
Virgem Mãe, quero luar!

O' doce Virgem Maria,
Alba divina e lyrial!
O' Senhora Padroeira
Do Reyno de Portugal!

Dá-me a luz da tua bençam,
Dá-me a bençam dos teus olhos,
Para que haja amor e vida
N'êste mar triste de escolhos!

~~Que a vida seja de lírios
E de luar.
Para que eu passe na vida
A cantar!~~

Dá-me a vida de tua infância,
Dá-me a infância do luar,
Para que eu passe na vida,
Cheio de vida, a cantar!

ANTO

Em frente — O *Só*.

Poiso meus olhos tristes e castanhos
N'êste Livro de sombra e de elegia.
E, nos meus olhos tristes e castanhos,
Ha lagrymas de magoa e de elegia.

Ennoiteceu o meu olhar ancioso,
— Minha Mãe! Minha Mãe! — quando nasci!

Minha Mãe! Minha Mãe! não vi a luz!
E em teu olhar de amor, Mãe de Amor!, tremeluz
Uma vaga de amor, saudosa e dolorosa...

E tenho sede, Mãe! — Dá-me o teu peito!
Que é do teu peito, Mãe? — Quero luar!

E a sombra ahí vem ..
Alaga todo o azul do ceu, alem...

E meus olhos saudosos e castanhos
Choram ao ler os versos de elegia...

Oh meu pallido Irmão, tão pallido e tão doce!
N'esta sombra saudosa e poentina,
A luz do teu olhar eternizou-se!
E vive, e canta, e chora . . . E' luz no meu olhar
A luz do teu olhar, divina e poentina,
Oh meu divino Irmão, tão pallido e tão doce!

E o Sol vai a morrer, crucificado e doce . . .

Irmão, olha-me bem!

O teu olhar é a luz do Sol, a esmorecer . . .

E a luz do teu olhar, dorida e anciosa,
Vai a morrer, além . . .

A tarde vai morrer, saudosa e dolorosa,
Em lagrymas de Além.

POEMA

E, um dia, a minha Alma, vestida de branco,
A má-la tua Alma, foram commungar.
E a tua Alma não era vestida de branco,
Quando foi commungar.

Olhei o teu olhar de amor e claridade. . .
E, a olhar o teu olhar,
Sentia desfolhar
Açucenas em flôr da minha virgindade!

E, nos meus olhos fundos e castanhos,
— Olhos vírgens, saudosos! —
Gritavam ~~meus~~ desejos estranhos
E rubros, lucíferinos, venenosos!

E o meu olhar chorava!
Rezava, Maria!
Chorava e rezava
P'la graça da Virgem-Senhora -- MARIA!

Tarde de treva, concupiscente!
Alva do mal!
— Ao recordal-a, córa, avergonhadamente,
A minha Alma de luz e de amor, lyríal.

(Oh meu divino S. Luíz Gonzaga,
Que é da graça de luz da tua bençam?
Não sou impuro, como os outros pensam,
Oh meu divino S. Luíz Gonzaga !)

E os olhos de luxúria e escuridade?...

E, a olhar o teu olhar,

Eu sinto desfolhar

Açucenas em flor da minha virgindade...

LYRIOS DE SANGUE

A António etc. Nunes

Ao Meio-Dia os lyríos são vermelhos!
Lyríos vermelhos! — Ay! — Não pode ser!
E' Meio-Dia . . . Os lyríos são vermelhos!
Meu Irmão, anda ver!

Lyríos! abrí as petalas sangrentas!
(Devagarinho! . . .)
Abri as vossas petalas sangrentas!
Quero beber sangue! quero beber vinho!

Lyríos do meu sangue! Lyríos do teu sangue!
— Dêste sangue de irmãos! —
Dai-me de beber do voluptuoso sangue!
E beijai, longamente, as minhas pobres mãos!

Quero beber! beber! quero beber!
Quero beber até me embriagar!
E depois, meu Irmão!.. quero morrer,
Para, àmanhan, no azul — ressuscitar!

TRAGEDIA LYRIAL

Floriram lírios alventes,
No seio do Meu Amor!

Ao luzir de alva, eram alvos
E lindos, lírios de amor . . .
Alvíssimos e puríssimos,
No seio do Meu Amor!

Depois, à tarde, ao Sol-pôsto,
Perdí os olhos no Mar . . .
E os meus lábios no teu rôsto
Saudosamente a rezar
Ave-Márias de luz,
Ave-Márias de amor . . .

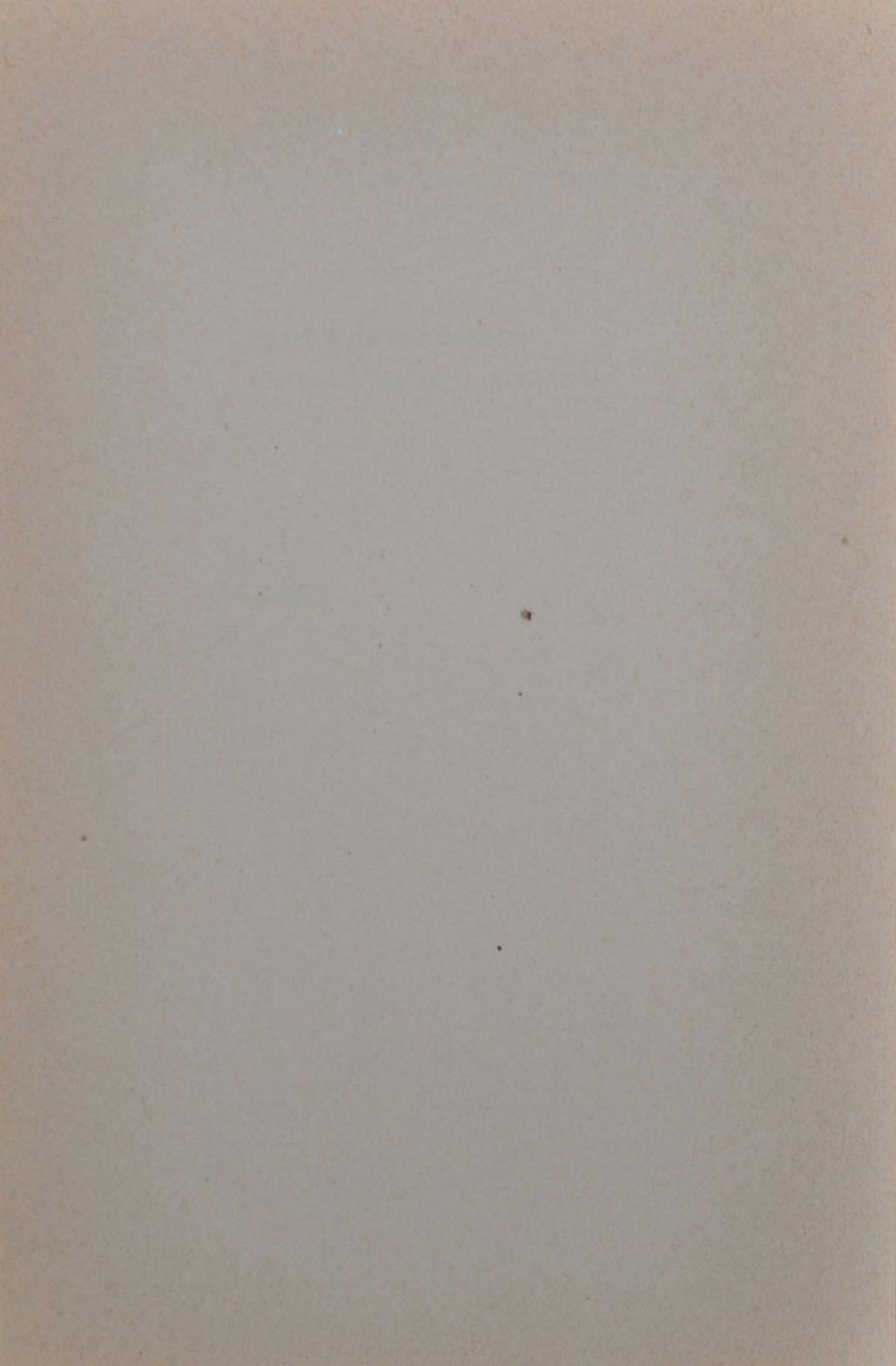
Eram pallidos e fríos
Os lyríos do Meu Amor . . .

E a noite veíu, saudosa
E cinzea, e triste, dorida . . .
Irman gemea da minha alma,
Oh noite da minha vida !

Noite de sombra e de cinza!
Noite de hynverno e de horror!

Eram lívidos e mortos
Os lyrios do Meu Amor...

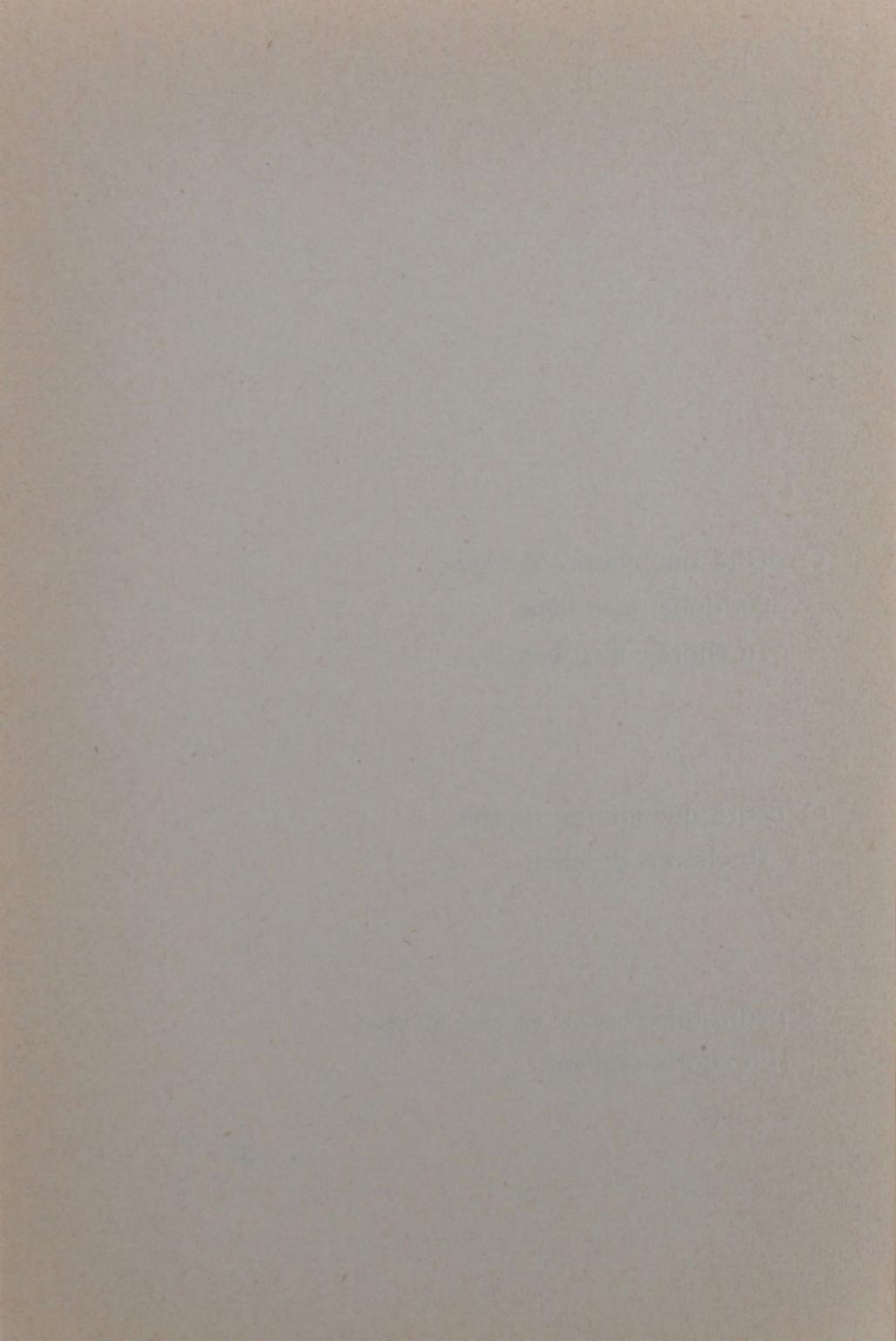
CANÇÃO



O' pedra que choras, na rua,
Pedrinha, meu bem,
Tu choras, meu bem?...

O' pedra que choras, na rua,
Tu choras, de alem...

O' pedra que choras, na rua, só, nua,
Eu choro, tambem...



POEMA

Ónio ouvia os gritos na azinhaga!
Guilhe sentia os gritos na alameda!
Eram sombras, aos gritos, na azinhaga!
Eram sombras, aos gritos, na alameda!

E a noite procellosa e dolorosa!
E os gritos roucos, na azinhaga, além!
E a sombra macilenta e dolorosa!
E, além, a soluçar, sombras de Além!

Floriram rosas bravas em outubro.
No jardim do castello, à beira-Mar,
Floriram rosas pallidas de outubro!
Rosas prantadas na aridez do Mar. . .

E o Sol vai a morrer, minalmente rubro,
Nas ondas nacaradas do alto Mar. . .

AOS LENÇOS

O' lenço de côres bízarras!
O' lenço de barras negras!

O' lenço de côres bízarras,
Feneceu o teu perfume . . .
O' lenço de côres bízarras!
O' barras côr de negrume!

O' lenços, quero beijar-vos
Mas vou lançar-vos ao lume!

O' lenço de côres bízarras!

O' lenço | barras nêgras!

de

O' lenços, quero beijar-vos!

O' lenços, quero beijar

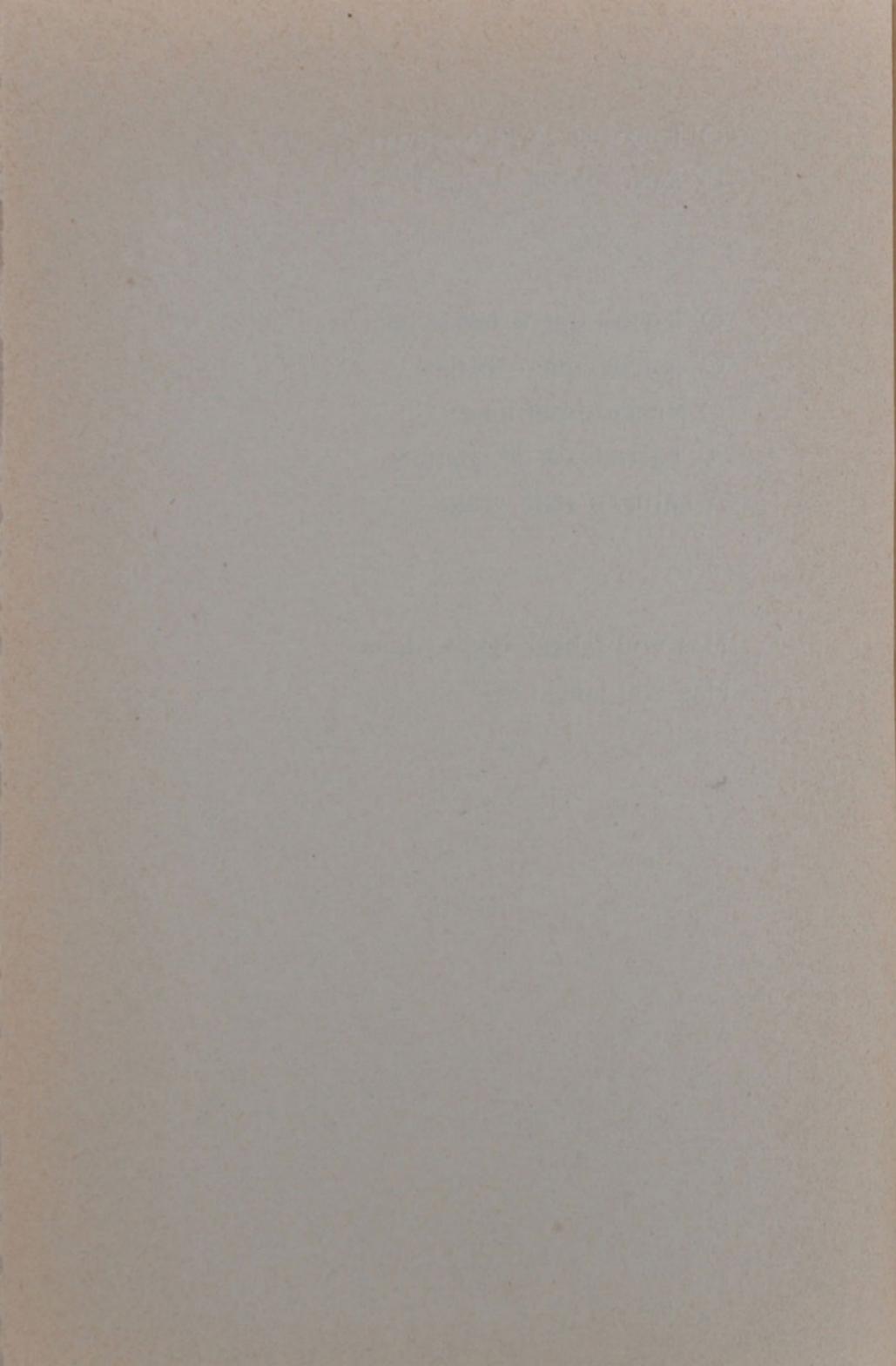
O feneçido perfume,

As barras côr de negrume, .

A carne, a sêda, o luar. . .

Mas vou lançar-vos ao lume,

Mas vou lançar-vos ao Mar!



POEMA

A payzagem aquatica e lunar!

Alta noite . . . Mar alto . . .

Sonham meus olhos, nómadas e tristes,
Na payzagem aquatica e lunar!

Oh Mar!

Oh Mar!

— E os meus olhos prescrutam, anciosos...

Oh Mar!

Oh, os cachopos, hirtos e musgosos,

A olhar o Mar!

Galeras... Galeras...

Galeras dEl Rey!

Caravellas e naus, corvetas e galeras!

Galeras... Galeras...

Galeras dEl Rey!

Oh Marinheiros!
Poetas, meus irmãos!
Oh choros da neblina
Envolvendo, abençoando o rozeiral!
Espumas luarentas
Da Praia Occidental!
Oh castello roqueiro e mediévo
Da Praia Occidental!

Caravellas de Além, rosas do Mar...

Alta noite... Mar alto...

Aridez successiva da payzagem...
A payzagem aquatica e lunar!

Sonham meus olhos, nómados e tristes,
Na payzagem aquatica e lunar...

SOMBRA

Adormeceram, pallidos, cançados,
Os gritos do vítral.

Olhos de Morta, baços e parados,
Gritos de luz na sombra do vítral . . .

Adormeceram !

Esfolharam-se rosas,
— N'um sorriso . . .
Lyrios negros, dahlías — um sorriso . . .

Verde...

Tudo verde...

Perdi o meu olhar de sombra, na charneca.

Perdi o meu olhar na sombra da charneca...

Ay, a Sombra esmaecida!

Ay ondas, ondas do Mar!

Ay, a Sombra esmaecida!...

Na sombra do meu olhar...

Meu amor!

As tuas mãos graciosas e formosas!

Esfolharam-se as rosas...

Um sorriso...

A luz pallida e frouxa d'um sorriso.

Amanheceu, a sorrir.
Maré febril, rubra e louca!

E vem, meu bem, a sorrir,
Vem beijar a minha bocca...

POEMA DE EXALTAÇÃO

No silêncio estelar da noite luarenta,
Amanheceu a Voz azul e branca!

Era a Noite dorída de hynverno e tormenta...
Era a Voz de luar a cantar, branca, branca...

Voz de alem, Voz de alem, azul e branca!
Vem dos longes de Alcacer?... — Nem eu sei!
Mas diz, e canta, e gríta, azul e branca:
— Viva El Rey! Viva El Rey!

Cantam ondas de luz no meu olhar!

—E a doce Voz de luar, a cantar, branca, branca...

O' Moços! vós, também,
Vinde ouvir, vinde sentir
Aquella Voz que vem dos areaes de Alem,
Dos longes brumosos de Alcacer-Kibir...

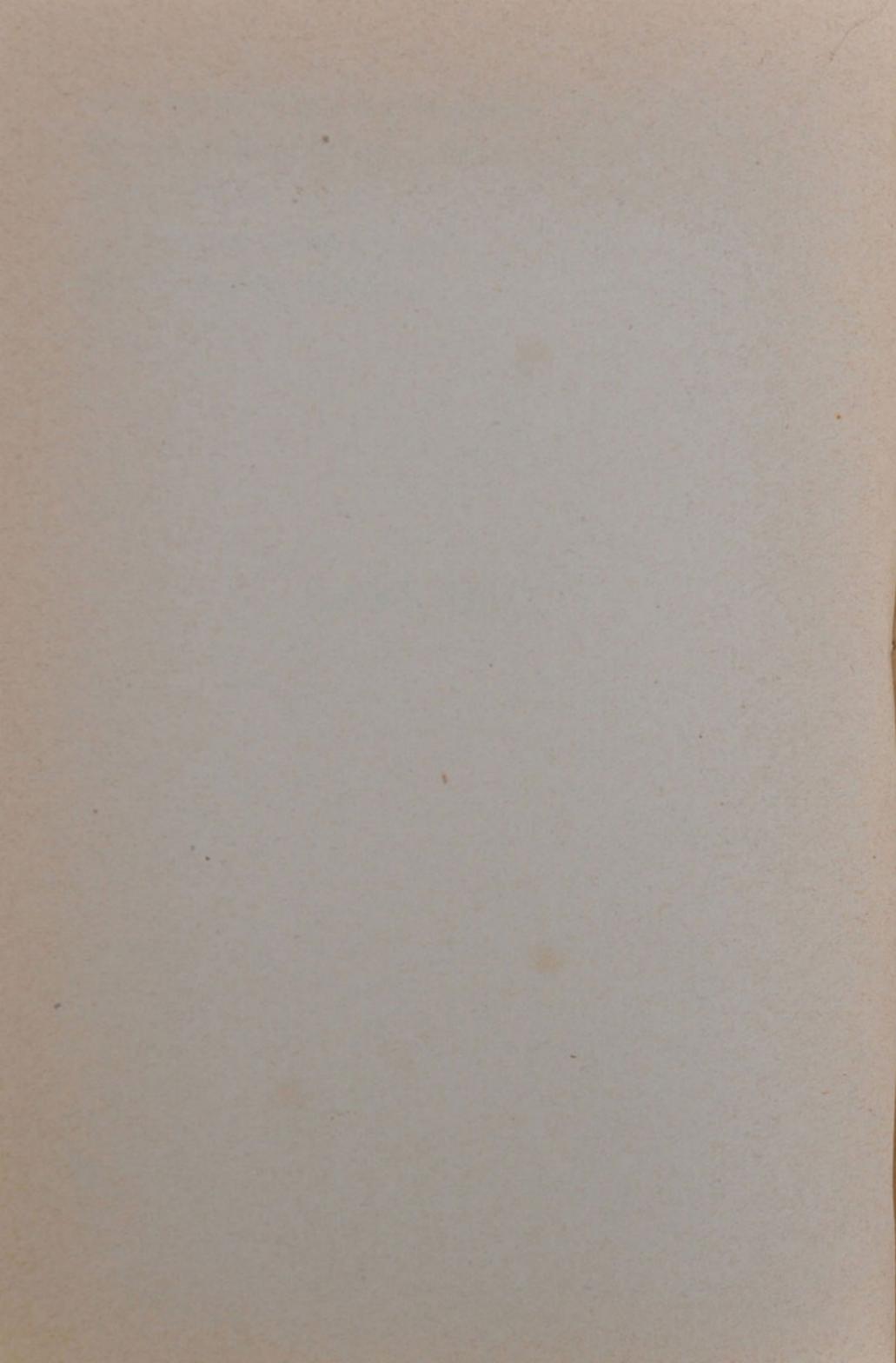
(A sombra vella Deus aos vossos olhos!)

O' Moços! meus irmãos!
Vamos cantar, rezar!

Eu sinto a luz do Sol nos vossos olhos!
E canta a luz do Sol na luz do meu olhar!

Ha canticos de gloria e de aleluia
Na minha alma de luz! — Irmãos, irmãos!
Vamos cantar, lutar,
— O' Moços! meus irmãos! —
Que El Rey ha de voltar!

LAVS DEO



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO NA IMPRENSA
DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS,
57 A 61, AOS 8 DE NOVEMBRO
DE 1922

